

OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA OS TREINADORES DO CAMPEONATO DE FUTEBOL AMADOR DA CIDADE DE CURITIBA

DIOGO BONIN MAOSKI
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)
diogomaoski@alunos.utfpr.edu.br

FRANCIS KANASHIRO MENEGHETTI
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)
francis@utfpr.edu.br

OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA OS TREINADORES DO CAMPEONATO DE FUTEBOL AMADOR DA CIDADE DE CURITIBA

INTRODUÇÃO

Ao analisar o contexto produtivo contemporâneo é possível observar que ao longo do século XX e início do século XXI intensas transformações econômicas, tecnológicas, políticas e sociais permearam o mundo do trabalho. A globalização dos mercados, a intensificação da competitividade entre países e organizações, o desenvolvimento tecnológico, sensivelmente observado nas áreas da informação, comunicação e biotecnologia, a reestruturação produtiva, a flexibilização das relações de trabalho são alguns dos fenômenos observados a partir da década de 1970. Tais transformações têm gerado consequências importantes nas formas e contextos do trabalho, na atuação do trabalhador e nas condições de empregabilidade (ANTUNES; ALVES, 2004; ARAÚJO; SACHUK, 2007; GORZ, 2003; HARVEY, 2008; TOLFO; PICCININI, 2007).

Nesse sentido, as transformações econômicas, tecnológicas, políticas e sociais presentes no contexto contemporâneo estimulam, sob diferentes perspectivas, a análise sobre as mudanças nas formas de conceber o trabalho e o debate sobre o lugar em que este se encontra na sociedade e na vida de cada indivíduo, sobre as alterações nos sentidos atribuídos ao trabalho e a forma como ele é gerido nas organizações (ARAÚJO; SACHUK, 2007; CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012) Nesse interim, no intuito de compreender melhor o sentido do trabalho como um fenômeno contemporâneo vinculado ao mundo do trabalho, Silva e Simões (2015) apresentam três proposições: A primeira proposição identifica que a forma de ver e pensar o trabalho está relacionada às condições sociais e históricas de cada indivíduo; já a segunda proposição indica que a forma de ver e pensar o trabalho foi sendo modificada ao longo da história da sociedade, refletindo o contexto social, econômico e ideológico de cada época; enquanto que a terceira proposição, resultado das reflexões levantadas pelas duas primeiras, trata do questionamento acerca da centralidade do trabalho no contexto contemporâneo.

Contreras (2010) realiza uma análise no que concerne a centralidade do trabalho, apresentando três diferentes visões: a tese sobre o fim do trabalho (em decorrência do avanço tecnológico o ser humano estaria paulatinamente sendo substituído pela máquina); a perda da centralidade do trabalho na vida social dos sujeitos (existe uma fragmentação na visão de mundo do trabalhador, sendo que este não concebe mais o trabalho como fator central de sua vida, mesmo reconhecendo a sua articulação com as demais esferas); e a permanência da centralidade do trabalho (o trabalho segue sendo um fator central na constituição da identidade do indivíduo, mas se encontra em um processo de profunda transformação) (SILVA; SIMÕES, 2015).

Ainda sobre a centralidade do trabalho, Santos (2000) salienta que o debate entre os autores tem sido instigante na medida em que são indicadas pistas significativas no que se refere a outras categorias que, para alguns, estão tomando o lugar que o trabalho ocupa como elemento central da vida humana, enquanto que para outros esses temas são considerados elementos que irão somente complementar o debate, reforçando a centralidade do trabalho. Já no que diz respeito ao significado do trabalho, Marra et al. (2013) afirmam que coexistem duas grandes abordagens, sendo que uma delas defende o trabalho ainda como o valor central no reconhecimento do papel social dos indivíduos enquanto que a outra defende a perda da centralidade do trabalho na vida das pessoas.

Bendassolli (2006) salienta que simplesmente afirmar que o trabalho está morto ou que ele é o valor central na sociedade não é suficiente para explicar o seu papel no contexto contemporâneo. Para o autor, apesar de aparentemente discordantes, todas as teorias,

incluindo as contrárias à centralidade, fazem uma associação mais forte ou mais fraca entre o trabalho e a construção da identidade.

Dentro desse contexto, verifica-se que os fenômenos dos sentidos e significados do trabalho têm sido tema de uma crescente quantidade de estudos, sobretudo nas últimas décadas. Diversas áreas do conhecimento com diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas têm se debruçado no desenvolvimento de pesquisas que aprofundem os conhecimentos acerca dos construtos, sendo possível observar, inclusive, uma considerável quantidade de ensaios e pesquisas empíricas destinadas, entre outros, a apresentar o mapeamento dos estudos, bem como questionar e apresentar novas possibilidades de método e análise (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012; ANTUNES, 1999; ARAÚJO; SACHUK, 2007; BENDASSOLLI; GONDIM, 2014; COUTINHO, 2009; GONÇALVES; JIMENEZ, 2013; MORIN, 2001; ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010; SILVA; SIMÕES, 2015; TOLFO et al., 2011; TOLFO; PICCININI, 2007)

Conforme ressaltam Araújo e Sachuk (2007), compreender os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos nas organizações contemporâneas e as implicações na constituição do indivíduo é um significativo desafio para administradores, mas também para todos os que de forma direta ou indireta estão relacionados às organizações de trabalho, sobretudo quando se testemunha a paradoxalidade das transformações no mundo do trabalho.

Entretanto, de acordo com Bendassolli e Borges-Andrade (2011) no último século a administração, a psicologia e a sociologia do trabalho não tiveram olhos para o que acontecia fora dos domínios do trabalho enquanto emprego, nos regimes das organizações capitalistas formais. Para os autores, pouca atenção foi dada aos setores que estavam à margem desse cerne principal. De forma semelhante, Dourado et al., (2009) salientam que em decorrência dos interesses que representam o *mainstream* dos estudos organizacionais, é perceptível na literatura uma exígua quantidade de estudos que perscrutam a questão do trabalho em organizações com formatos distintos do empresarial e sem fins lucrativos.

Ao tratarmos das organizações esportivas, sobretudo relacionadas ao futebol, fato semelhante é observado. Para Damo (2003) o futebol profissional, em sua matriz espetacularizada, exerce um monopólio temático no ambiente acadêmico, demonstrando a necessidade e explorar as outras dimensões para além daquelas realizadas pelas narrativas hegemônicas. Ainda conforme o autor, o futebol já foi abordado a partir de inúmeras perspectivas, tanto literárias quanto acadêmicas, mas em poucas oportunidades, foi objeto de pesquisas em sua prática amadora, e quando é retratada, geralmente se faz em tom pessimista, lamentando seu fim gradual por conta, principalmente, de processos advindos com a modernização.

De modo geral, seja na prática profissional ou amadora, uma das figuras mais importantes do futebol é o treinador. Ele possui uma função fundamental, sendo o centralizador das vitórias e das derrotas e em quem são depositadas as glórias ou críticas pelos resultados. É de sua responsabilidade propiciar aos jogadores condições para a demonstração de suas qualificações técnicas, além de mediar ou mesmo evitar que as cobranças externas sejam superiores a tais capacidades (MENEGHETTI, 2002). Nesse sentido, Costa et al., (2012) argumentam que a função do treinador é muito ampla ao mesmo tempo em que é vulnerável, estando sujeita as intensas transformações de humor, quebras psicológicas, cansaço, depressões, acompanhados de uma sensação de isolamento, embora, em contraparte, permeada por exaltação e heroicidade.

Todavia, conforme apontam Potrac, Jones e Armour (2002), a ciência do *coaching* ainda é permeada amplamente por pesquisas que retratam o processo de treinamento como uma simples sequência cognitiva de transferência de conhecimento em que os treinadores são analisados meramente como instrumentos desta transferência, desconsiderando muitas vezes

que o seu trabalho está ligado a uma ampla gama de outros significados envolvendo contextos sociais e culturais específicos para além do tratamento com os atletas.

Nesse sentido, considerando as possibilidades de reflexões dos sentidos do trabalho dentro do contexto esportivo amador, sobretudo na figura do treinador de futebol, o presente projeto de pesquisa, ainda em desenvolvimento, propõe a compreensão dos sentidos atribuídos ao trabalho por treinadores do campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana). Todavia, tais compreensões serão realizadas mediante as perspectivas da *Vita Activa* de Hannah Arendt e da visão questionadora da centralidade do “trabalho” de André Gorz. A partir do método da história oral, analisar-se-ão os discursos dos treinadores do principal campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba, mais conhecida como Suburbana, no intuito de compreender quais os sentidos atribuídos a uma atividade que não se relaciona ao emprego dos indivíduos, porém está contemplada uma grande importância na vida de cada um, extrapolando as concepções de lazer e voluntariado.

PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

A partir das reflexões realizadas, o presente projeto de pesquisa se orienta mediante a seguinte questão problema: Quais os sentidos atribuídos ao trabalho por treinadores do campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana)?

Dessa forma, possui como objetivo geral compreender quais os sentidos atribuídos ao trabalho por treinadores do campeonato de futebol amador da capital (Suburbana), enquanto possui os seguintes objetivos específicos: Analisar as diferentes concepções de trabalho na sociedade contemporânea; Analisar as diferentes compreensões dos sentidos atribuídos ao trabalho; Caracterizar o futebol profissional, o futebol amador e o campeonato de futebol amador da capital (Suburbana); Descrever as principais características da atividade de treinador de futebol; Identificar os sentidos atribuídos ao trabalho pelos treinadores de futebol amador da Suburbana.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Hannah Arendt: Labor, Trabalho e Ação.

Hannah Arendt (2007) em sua obra “A Condição Humana” descreve as características essenciais da existência do homem na Terra, colocando-o como um ser condicionado na medida em que tudo aquilo com o que ele entra em contato passa a ser, imediatamente, uma condição de sua existência. Por meio da expressão *vita activa* a autora procura designar as três atividades humanas essenciais denominando-as de labor, trabalho e ação. Arendt (2007) aponta que tais atividades são essenciais em virtude de corresponderem às condições básicas por meio das quais a vida foi dada ao homem na Terra.

O labor remete-se a luta pela sobrevivência física do corpo, sendo realizado visando à manutenção da vida e da sobrevivência da espécie humana. Ele está relacionado ao processo biológico do ciclo vital sendo intimamente vinculado a produção e ao consumo, haja vista que tudo o que é produzido pelo labor é destinado ao consumo imediato, razão pela qual não deixa nada para trás (ARENDRT, 2007). A condição humana do labor se materializa na atuação do *animal laborans*, que é guiado por uma necessidade biofisiológica, cíclica e infundável, de forma semelhante aos ciclos biológicos dos seres vivos que só terminam no momento da morte (NETO; SACHUK, 2011).

Em relação ao contexto grego, Arendt (2007) salienta que o labor era o responsável por permitir a manifestação política, uma vez que a vida pública só era possível depois de atendidas as necessidades mais urgentes da existência humana. De tal forma, o labor se

apresenta com as seguintes características: é menosprezado e não glorificado, pertence ao reino das necessidades, é realizado na esfera doméstica ou privada, diferenciando-se pela sua transitoriedade e ocupando o lugar mais baixo da hierarquia de valores do ideal grego (LANGER, 2004).

O trabalho, por sua vez, é a atividade condizente ao artificialismo da existência humana que produz um mundo artificial de coisas, claramente de forma distinta de qualquer ambiente natural (ARENDDT, 2007). O trabalho, diferentemente do labor, não está contido no processo vital, sendo por meio dele que, neste caso o *homo faber*, cria coisas a partir do que extrai da natureza, modificando o ambiente natural e garantindo a durabilidade do mundo, transformando-o em um local de objetos compartilhados entre os seus semelhantes (MOISES, 2015).

Dessa forma, o homem passa da condição de *animal laborans* para *homo faber*, isto é, aquele que, a partir do trabalho, em que o resultado é objetivo e pode ser mensurado no produto, coloca-se um passo adiante do *animal laborans*. Como ser criativo e fabricante de artefatos que passam a ter valor de uso ou de troca, o *homo faber* credencia-se a permanecer no mundo não apenas como servo da natureza, mas como senhor soberano da terra (NETO; SACHUK, 2011).

Nesse sentido, um limite é ultrapassado, haja vista que o *homo faber*, interferindo e atuando sobre a natureza na fabricação de objetivos, adquire a prerrogativa de criá-los, assim como destruí-los, com a segurança de que nenhuma dessas coisas é tão essencial para a sua sobrevivência que não possa, ao seu bel-prazer, mantê-las ou dispensá-las (NETO; SACHUK, 2011). “O *homo faber* é realmente amo e senhor, não apenas porque é o senhor ou se arrogou o papel de senhor de toda a natureza, mas porque é senhor de si mesmo e de seus atos”, e assim “A sós, com a sua imagem do futuro produto, o *homo faber* pode produzir livremente; e também a sós, contemplando o trabalho de suas mãos, pode destruí-lo livremente” (ARENDDT, 2007. p. 157)

Desse modo, se por um lado o labor combina necessidade e futilidade, por outro o trabalho combina permanência e liberdade. O trabalho não presta mais serviços às necessidades e aos constrangimentos materiais da subsistência e por essa razão, ele pode abster-se do nível mais rudimentar e tornar-se criação, inovação, expressão, realização de si (LANGER, 2004).

Todavia, é mister ressaltar que, sobretudo a partir da revolução industrial, as coisas do mundo moderno se tornaram produtos do labor, cujo destino natural é o consumo, em detrimento dos produtos do trabalho, que se destinam ao uso (ARENDDT, 2007). Nesse sentido, em nosso mundo, a suposta supressão do labor, enquanto esforço doloroso, na verdade se coloca como uma substituição do trabalho pelo labor, uma vez que os produtos passaram a ser consumidos e não utilizados.

Por fim, a ação, terceira atividade da *vita activa*, é a única que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação de coisas ou da matéria, sendo a própria condição humana da pluralidade, uma vez que embora sejamos os mesmos, isto é, seres humanos, ninguém é exatamente igual a qualquer outra pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir (ARENDDT, 2007). A ação ainda possui como característica a intransferibilidade, haja vista que nenhum ser humano pode abdicar-se do discurso, e se materializa nas reflexões, ensinamentos e relações que representam atividades exercidas de forma exclusiva pelo homem (NETO; SACHUK, 2011)

Para Lafer (2007, p.345) a ação é uma das categorias fundamentais da obra de Hannah Arendt e, embora todos os demais aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, é partir dela que o homem rege o seu próprio destino manifestando a expressão da sua singularidade individual. A partir das reflexões de Bikhu Parekh, o autor aponta que no labor o homem revela suas necessidades corporais, no trabalho a sua capacidade e criatividade

e na ação, ele mesmo. A ação é origem do significado da vida humana, é a “capacidade de começar algo novo que permite ao indivíduo revelar a sua identidade”.

Verifica-se que a ação produz uma realidade diferente do labor e do trabalho, uma vez que seu “produto” mais imediato é a realidade do próprio eu, da própria identidade ou a realidade do ambiente. A ação não produz objetos, mas ensinamentos, relações, reflexões. Diz respeito à criação de sentido, à produção do humano nas pessoas e a elas entre si (LANGER, 2004). Arendt (2007) aponta que as três atividades contempladas na *vita activa* possuem íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e mortalidade. O labor garante a sobrevivência do indivíduo e da espécie; o trabalho, a partir de seus produtos, cede permanência e conservação à futilidade da vida e ao caráter momentâneo do tempo humano; e a ação, cria a condição para a lembrança, isto é, para a história.

André Gorz: A invenção do “trabalho”, o trabalho para si e as atividades autônomas.

André Gorz expressa o movimento contemporâneo contra a centralidade do trabalho (FURTADO, 2012). Conforme aponta Antunes (2005, p.23) “se não foi o primeiro, foi um dos mais contundentes críticos da sociedade do trabalho”. Na obra “Metamorfoses do trabalho”, André Gorz inicia com a constatação de que aquilo que chamamos de trabalho, na verdade, é uma invenção da modernidade. Para ele, a forma com a qual conhecemos, praticamos e colocamos no centro da vida individual e social, foi inventada e posteriormente difundida pelo industrialismo. O entendimento que fazemos e o lugar que lhe damos são novos, pois ele ocupava outro lugar nas sociedades anteriores. Como argumentação, Gorz recorre à noção de trabalho dos gregos, sobretudo na compreensão de Hannah Arendt (1958), no intuito de ampliar a noção e o significado do trabalho.

Nesse sentido, ao reler os gregos, especialmente a partir das noções de labor e trabalho, Gorz (2003) afirma que aquilo que nós chamamos de “trabalho”, não é propriamente nem labor e nem trabalho (LANGER, 2004). O conceito moderno de trabalho, referenciado por Gorz, seria resultado de uma simbiose dessas duas atividades, porém não se confundindo com nenhuma delas (SILVA, 1999). Para Gorz (2003), esse novo trabalho possui as seguintes características: É realizado na esfera pública; é uma atividade remunerada e é fator de exclusão social (LANGER, 2004; SILVA, 1999).

Conforme aponta Silva (1999), a simbiose entre labor e trabalho (no sentido grego) resulta em uma atividade exercida na esfera pública, em que é definida e reconhecida pelos demais como uma atividade útil, merecendo assim um pagamento na forma de salário. Portanto, o trabalho no sentido moderno se torna o trabalho remunerado (assalariado).

Com o advento do capitalismo industrial, o trabalho remunerado (assalariado) se tornou um meio pelo qual os indivíduos adquirem existência e identidade social por consequência de uma profissão. A transformação do trabalho assalariado no mais significativo fato de integração social proporcionou a distinção da sociedade industrial de todas as suas precedentes, podendo inclusive se auto definir como uma “sociedade de trabalhadores” (GORZ, 2003, p. 21)

O trabalho no sentido de emprego é uma atividade que se destina a se firmar no fluxo das trocas sociais, tendo a remuneração como garantir desta inserção. Todavia o essencial deste processo é o fato do “trabalho” preencher uma função “socialmente identificada e normatizada na produção e na reprodução do todo social”. E para que se preencha esta função, precisa ser identificável por competências socialmente definidas que o colocam em funcionamento a partir de procedimentos socialmente determinados. Obriga-se, em outras palavras, a ser “um “ofício”, uma profissão, quer dizer, a colocação em prática de competências institucionalmente certificadas segundo procedimentos homologados” (GORZ,

2004, p.11). A “sociedade do trabalho” passou a reconhecer esta forma específica, o emprego, como a forma geral de trabalho, utilizando de maneira indiferenciada a sua concepção como forma de identificar inúmeras atividades, em que a noção de trabalho é utilizada de forma indiferenciada (LANGER, 2004; SILVA, 1999).

Para Gorz (2003), essa situação se mostra problemática uma vez que muitos ideólogos contemporâneos têm exacerbado a concepção indiferenciada de trabalho colocando em um mesmo plano atividades como as do policial, do biscateiro, do engraxate, do padre, do operário da indústria, do compositor de uma música, do cientista (LANGER, 2004; SILVA, 1999). “É trabalho a atividade realizada pela mulher que cuida das crianças em casa; (...) o ato de pintar um quadro; o parto realizado pela grávida... A noção de “trabalho” tornou-se onipresente. O trabalho é como ar que se respira. Tudo remete a ele e tudo dele depende” (LANGER, 2004, p.15).

Gorz (2003) não admite uma noção de trabalho que englobe todas essas atividades, pois para ele uma concepção de trabalho tão ampla levaria fatalmente ao equívoco de remunerar atividades sem fins comerciais e sujeitar todas elas à lógica do rendimento e da racionalidade econômica (SILVA, 1999). Ele prossegue afirmando que apenas o fato de uma atividade ser considerada socialmente útil não é condição suficiente para que ela possa ser considerada como trabalho e que por traz dessa confusão conceitual, é necessário resgatar uma rica realidade de atividades que não podem e nem devem ser classificadas como trabalho sentido economicamente racional. (LANGER, 2004; SILVA, 1999).

Desse modo, Gorz também aponta que, ao contrário do que é bastante difundido, “não basta que uma atividade seja empreendida em vista de sua troca mercantil (de sua remuneração) para que ela seja trabalho no sentido econômico” (GORZ, 2003, p.137). Para ele, é preciso que a atividade contemple todos os seguintes critérios: Crie valor de uso; Vise à troca comercial; Seja exercida na esfera pública e possua o tempo como critério de medida de produtividade. Para esclarecer melhor a delimitação do conceito, Gorz (2003) analisa diversas atividades no intuito de verificar a existência ou não das quatro condições para o trabalho economicamente racional. Ele divide as atividades em dois grandes grupos: Atividades realizadas em vista de sua remuneração ou atividades mercantis; atividades não mercantis, cuja remuneração não é, nem pode ser, seu fim primário. No que tange as atividades mercantis, Gorz (2003) as divide em cinco subgrupos de acordo com a natureza de cada atividade: O trabalho no sentido econômico como emancipação; O trabalho de serviço; Funções, assistência, auxílios; A prostituição; Maternidade, funções maternas e mães substitutas.

Após as definições e reflexões sobre as atividades mercantis, Gorz (2003) passa a definir as atividades não mercantis, que são divididas em dois subgrupos: “Trabalho para si” e “Atividades autônomas”. O Trabalho para si é “esta produção de valor de uso do qual somos nós mesmos os artesãos e os únicos destinatários”, enquanto que as Atividades autônomas são aquelas “sem nenhuma necessidade nem utilidade, que são em si mesmas seu próprio fim” (GORZ, 2003, p. 152).

No que tange ao Trabalho para si, o autor aponta que atualmente, nas sociedades industrializadas, subsiste apenas as atividades de autoconservação: lavar-se, vestir-se, limpar a casa, lavar a roupa e a louça, fazer compras, alimentar e colocar as crianças para dormir, etc. Ou seja, o trabalho para si foi limitado as “atividades penosas” (*ponos*). Trata-se das atividades que não destinadas as trocas mercantis, além de possuírem um resultado volátil, consumido no momento em que é produzido, sem possibilidade de estoque, sendo necessário recomençar a cada dia (GORZ, 2003).

Gorz (2003) aponta que o trabalho para si pode deixar de ser apenas um fardo, tornando-se em certos aspectos “uma necessidade humana e um modo de recuperar parte da crescente soberania pessoal, sob a forma de pertencimento a si na esfera privada”. Prossegue a

autor dizendo que “O trabalho para si é fundamentalmente *aquilo que temos de fazer para tomar posse de nós mesmos* e desta organização de objetos que, prolongando e refletindo a nós mesmos como existência corporal, é nosso nicho no meio do mundo sensível: nossa esfera privada” (GORZ, 2003, p.157). Nesse sentido, cabe ressaltar que o trabalho para si não deve se limitar apenas a esfera privada do indivíduo. Trabalhar para si não significa fazer as coisas apenas para si, pois se trata de uma categoria que encontra o seu prolongamento no trabalho para nós ao mesmo tempo em que a esfera privada encontra o seu prolongamento na esfera coletiva. A esfera privada não se restringe ao espaço reservado de cada um, mas inclusive a casa, o quintal, a rua, a vizinhança, o bairro, a cidade, etc. (GORZ, 2003).

No que diz respeito as atividades autônomas, Langer (2004) aponta que Gorz (2003) radicaliza ainda mais a independência em relação à lógica da racionalidade econômica, posto que elas não devem possuir nenhuma significação de necessidade nem ter por finalidade a troca mercantil. “Dizer que as atividades autônomas não podem ter por finalidade a troca não basta, porém para caracterizá-las. Ainda é preciso que sejam desnecessárias: que nada mais as motive além do desejo de fazer vir ao mundo o Verdadeiro, ou o Belo, ou o Bem”, (GORZ, 2003, p.167).

Assim, Gorz (2003) destaca que a autoprodução e as atividades cooperativas só podem ser caracterizadas como atividades autônomas quando o necessário já está garantido, por outros meios, a todos e todas participantes. Ou seja, o desenvolvimento de uma esfera de atividades autônomas não pode ter uma importância econômica.

As atividades autônomas são realizadas como fim em si mesmas, livremente e sem necessidade, tratando-se de todas as atividades vivenciadas como aptas a nos aperfeiçoar, nos enriquecer, sendo fontes de sentido e alegria, podendo ser atividades artísticas, científicas, filosóficas, educativas, relacionais, caritativas, de ajuda mútua, de autoprodução, etc. Tais atividades necessitam de um “trabalho” no sentido de esforço, mas possuem sentido e trazem recompensas tanto pelo processo quanto pelo resultado, formando uma unidade com o tempo e com a vida (GORZ, 2003).

Nesse sentido, o autor aponta que uma mesma atividade como preparar o jantar ou criar os filhos, pode ser uma atividade tanto opressiva quanto prazerosa, dependendo para isso da forma como nos sentimos em sua realização, se assediados e pressionados pela falta de tempo ou se calmos e realizando-as em cooperação e na partilha voluntária com os demais, das tarefas que tais atividades exigem (GORZ, 2003)

Dessa forma, a partir das diferentes definições de atividades, mercantis e não mercantis, é possível observar que o propósito de Gorz (2003) reside em demarcar, por um lado, o conceito de trabalho no sentido de emprego, e por outro, liberar um amplo conjunto de atividades não sujeitas à lógica da racionalidade econômica (LANGER, 2004). Além disso, busca refletir “que o verdadeiro trabalho não está no “trabalho”, mas fora dele” (GORZ, 2004, p.10).

Isto posto, vivemos um momento paradoxal, pois apesar de seu caráter contemporâneo de precarização, flexibilização e intermitência, o trabalho-emprego ainda é relacionado à sobrevivência e a necessidade, além de possuir resquícios de seu caráter glorificado que passou a encantar indivíduos e sociedades por meio de um “charme” do qual ainda somos prisioneiros (LANGER, 2004). Sendo assim, Gorz (2003) nos instiga a reivindicar a perda da centralidade do trabalho, a desencantá-lo, a colocar sobre ele um olhar diferente para que se possa pensar em uma sociedade diferente. Para o autor, desencantar o trabalho representa conceder-lhe outro lugar em nossas vidas, em nossa imaginação, em nosso pensamento, liberando espaço para outras atividades, cuja rentabilidade e remuneração não serão uma condição necessária nem uma finalidade (LANGER, 2004).

Os sentidos do trabalho

Os sentidos atribuídos ao trabalho permaneceram, ao longo da história da evolução humana, em conformidade com a época, com a cultura e com o modo de se relacionar e compreender o mundo de cada indivíduo e de que cada comunidade na qual ele estava inserido. Portanto, a maneira como a sociedade vê e pensa o trabalho tem se modificado ao longo do tempo, assumindo características conforme as condições vivenciadas e caracterizando os sentidos enquanto atributos históricos, concretos e singulares, constituindo-se na necessidade humana de dar significado ao seu viver e ao seu fazer (ARAÚJO; SACHUK, 2007; BORCHARDT; BIANCO, 2016; SILVA; SIMÕES, 2015).

Todavia, conforme já analisado, o contexto contemporâneo se mostra como um tempo e espaço de inúmeras transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas geradoras de grandes consequências nos contextos do trabalho e na atuação do trabalhador (ANTUNES; ALVES, 2004; GORZ, 2003; HARVEY, 2008; TOLFO; PICCININI, 2007). E dessa forma, constata-se que tanto as causas quanto às consequências desta nova conjuntura fomentam um crescente debate, a partir de inúmeras perspectivas, das formas de conceber, de gerir e de atribuir sentido ao trabalho (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012; ARAÚJO; SACHUK, 2007; BENDASSOLLI; GONDIM, 2014; CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012; COUTINHO, 2009; SILVA; SIMÕES, 2015).

Os fenômenos dos sentidos e significados do trabalho têm sido tema de uma crescente quantidade de estudos, sobretudo nas últimas décadas. Diversas áreas do conhecimento com diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas têm se debruçado no desenvolvimento de pesquisas que aprofundem os conhecimentos acerca dos construtos, sendo possível observar, inclusive, uma considerável quantidade de ensaios e pesquisas empíricas destinadas, entre outros, a apresentar o mapeamento dos estudos, bem como questionar e apresentar novas possibilidades de método e análise (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012; ANTUNES, 1999; ARAÚJO; SACHUK, 2007; BENDASSOLLI; GONDIM, 2014; COUTINHO, 2009; GONÇALVES; JIMENEZ, 2013; MORIN, 2001; ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010; SILVA; SIMÕES, 2015; TOLFO et al., 2011; TOLFO; PICCININI, 2007).

A transversalidade do tema se reflete nos debates realizados em diferentes campos do conhecimento científico, todavia com maior destaque para os trabalhos apresentados em periódicos das áreas da Administração (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012; ARAÚJO; SACHUK, 2007; MORIN, 2001; ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010; SILVA; SIMÕES, 2015) e da Psicologia (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014; COUTINHO, 2009; TOLFO et al., 2011; TOLFO; PICCININI, 2007).

O estudo dos sentidos do trabalho é realizado a partir de diferentes perspectivas que vão desde a crítica à instrumental e funcionalista. Na perspectiva crítica se destacam as investigações acerca da precarização do trabalho no contexto contemporâneo e na consequência sobre a construção e produção do sentido para os indivíduos, enquanto que na perspectiva instrumental, distinguem-se os estudos que priorizam o espaço organizacional analisando-o a partir de categorias profissionais e da busca pelas condições de aumento da produtividade (RODRIGUES; BARRICHELLO; MORIN, 2016; SILVA; SIMÕES, 2015)

Nesse ponto, é oportuno salientar que o presente estudo fará provisoriamente uso do termo “sentido do trabalho” em uma concepção semelhante a verificada em Dourado (2009), compreendendo-o como uma estrutura afetiva que contempla, além do significado individual, coletivo e social do trabalho, a utilidade da tarefa executada para a organização a que se pertence, além da auto realização, satisfação e o sentimento de aprimoramento das

capacidades pessoais e profissionais com liberdade e autonomia para a execução das atividades.

Não obstante as diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas, bem como as próprias distinções entre os termos sentido e significado, no intuito de dialogar com as concepções acerca do trabalho a partir de Hannah Arendt e André Gorz, propomos a classificação dos estudos relacionados aos sentidos do trabalho em três diferentes grupos. O primeiro caracteriza-se pelas pesquisas realizadas em contextos formais de trabalho, sobretudo em organizações de formato empresarial e com categorias profissionais consolidadas; O segundo se refere aos estudos realizados para além da lógica empresarial e do *mainstream* nas pesquisas em Administração enquanto que o terceiro se caracteriza por contemplar as pesquisas realizadas em um contexto de trabalho para além da necessidade econômica e de sobrevivência, do qual o presente estudo faz parte. Realizadas as considerações acerca das possibilidades de análise do trabalho, sequencialmente traremos a caracterização do futebol enquanto prática multifacetada para então especificarmos o futebol amador de Curitiba, a atuação do treinador de futebol e os resultados encontrados até o presente momento da pesquisa.

Os “futebóis”

Damo (2003) realiza uma crítica ao monopólio temático exercido pelo futebol profissional no ambiente acadêmico, demonstrando a necessidade de apresentar outras dimensões para além daquelas realizadas pelas narrativas hegemônicas do futebol espetacularizado. Para endossar a sua crítica, o autor se utiliza dos conceitos de campo, de configuração e de tipo-ideal, identificados em Pierre Bourdieu, Norbet Elias e Max Weber, respectivamente, para conceber uma tipologia que contempla quatro modelos configuracionais em torno dos quais a diversidade futebolística é para ele melhor visualizada e compreendida.

Por configurações futebolísticas, Damo (2003) compreende as possíveis segmentações de um amplo e diversificado universo unificado pelo termo futebol. As quatro configurações ou matrizes estão interconectadas, mas cada uma possui a sua especificidade. Para o autor, o que permite diferenciá-las não é o significado atribuído a cada prática, mas “o espaço, o tempo e a morfologia social (composição do público, redes específicas de relações e interesses, divisão social do trabalho dentro e fora do espaço-tempo de jogo e conexões diversas para além do futebol, do esporte e das práticas corporais)” (DAMO, 2003, p. 136).

Nesse sentido, as quatro configurações futebolísticas apresentadas pelo autor são: o futebol profissional (de espetáculo ou de alto rendimento), o futebol comunitário (futebol amador, de várzea, de bairro, de fábrica, entre outros); o futebol de bricolagem (informal, de improvisado, também chamado de fute, pelada, racha, baba, etc) e o futebol escolar (institucional, disciplinar, etc) (DAMO, 2003). Para o autor, as fronteiras entre as diferentes configurações são porosas e devem ser pensadas de forma conexas, uma vez que são histórica, social e culturalmente aparentadas, tendo no “átomo futebolístico” o seu fator comum.

O Campeonato de futebol amador de Curitiba – A Suburbana

O Campeonato Amador da Capital (denominação atribuída pela Federação Paranaense de Futebol), conhecido como “Suburbana”, é o principal e mais tradicional campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba, tendo a sua origem no ano de 1941, completando ininterruptos 77 anos em 2017. O Campeonato iniciou a partir da fundação da Liga Suburbana de Curitiba, sendo que em 1947 esta se filiou à Federação Paranaense de Futebol, entidade que é responsável pelo campeonato desde então.

De acordo com Oliveira (2013), tendo em vista a sua longevidade, a Suburbana possui uma verdadeira “aura” no universo do futebol amador de Curitiba, contudo, a competição não possui a mesma visibilidade do futebol de espetáculo, sendo considerada um “labo B” do universo futebolístico da capital paranaense. Nesse sentido, o autor prossegue afirmando que a Suburbana é uma dimensão do futebol imersa na cotidianidade da população de muitos bairros de Curitiba, contudo, sendo notícia apenas na contracapa dos jornais. Para ele, essa relação de capa-contracapa oferece uma pertinente metáfora para se refletir acerca do lugar que a competição possui dentro do futebol da capital paranaense, uma vez que enquanto para muitos curitibanos a Suburbana não é digna de atenção, para outros tantos, ela é central em seu cotidiano.

Em síntese, a Suburbana se materializa como um campeonato de futebol amador com grande proximidade ao futebol profissional, contudo, os aspectos comunitários se fazem presentes e estão bem marcados nas representações dos ideais de grupos, comunidade, bairro e de uma relação de “nós” contra “eles”. E nesse sentido, corroboramos com Oliveira (2013) quando este afirma que é exatamente este meio-termo que a torna tão interessante, aliás, acrescentamos afirmando que é esta singularidade que a coloca como uma das mais ricas representantes das práticas futebolísticas existentes no cotidiano das ruas, dos sertões, das “várzeas” e dos subúrbios brasileiros.

O Treinador

De modo geral, é possível observar pesquisas em relação aos treinadores que contemplam os processos de formação; legislação profissional, aquisição de conhecimento e processos de aprendizagem; estilos de liderança, expectativas, percepção e satisfação de atletas em relação aos treinadores; comportamentos mais eficazes; relação com a mídia; construção da imagem dos treinadores, situações de ansiedade e stress, dentre outros (BETTANIM et al., 2017; COSTA et al., 2012; COSTA; SAMULSKI; COSTA, 2009; MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016; PURDY; POTRAC, 2014; SANTOS; LOPES; RODRIGUES, 2015; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013; WANG; STRAUB, 2012)

Todavia, conforme apontam Potrac, Jones e Armour (2002), a ciência do *coaching* ainda é permeada amplamente por pesquisas que retratam o processo de treinamento como uma simples sequencia cognitiva de transferência de conhecimento em que os treinadores são analisados meramente como instrumentos desta transferência, desconsiderando muitas vezes que o seu trabalho está ligado a uma ampla gama de outros significados envolvendo contextos sociais e culturais específicos para além do tratamento com os atletas.

Em consonância com tal apontamento, Nelson et al.(2013) afirmam que os estudos existentes sobre treinamento desportivo ainda tendem a ser largamente desprovidos da concepção de emotividade, apresentando os treinadores e atletas como indivíduos racionais, desapaixonados e calculistas. Nesse sentido, verifica-se o desafio de alguns estudiosos da área (CUSHION e JONES, 2006; POTRAC e JONES, 2009; PURDY, POTRAC, e JONES, 2008; PURDY e JONES, 2011) em desafiar a racionalidade técnica imbuída em grande parte da literatura, ao sugerir que o treinamento está longe de ser um processo sequencial e não problemático, caracterizando-se como uma atividade em que os treinadores utilizam de inúmeras estratégias para conduzir aqueles ao seu redor no intuito de alcançar os objetivos traçados.

Posto isto, embora existam grandes disputas relacionadas ao trabalho no contexto esportivo, com especial atenção aos treinadores, Purdy e Potrac (2014) ressaltam que a despeito dos pesquisadores da sociologia do trabalho considerarem cada vez mais a experiências subjetivas dos trabalhadores (BURCHELL et. al., 1999; COLLINSON, 2003; DOOGAN, 2001; KALLEBERG, 2009; SENNETT, 1998) e de haver um aumento da

compreensão sociológica do “trabalho precário” e dos “trabalhadores inseguros” (KALLEBERG, 2009, p.2) nas sociedades neoliberais, pesquisas correspondentes em relação aos trabalhadores esportivos (dirigentes, treinadores, jogadores e demais funcionários) ainda são escassas. Para os autores, tal constatação pode ser considerada como surpreendente, haja vista que os trabalhadores do esporte experimentam carreiras muito curtas ou mesmo convivem constantemente com a possibilidade de falha e rejeição.

Purdy e Potrac (2014) prosseguem apontando que, curiosamente, ainda é escassa a atenção voltada ao treinador, sendo que o foco em traçar o progresso do iniciante até o experiente acabou por conduzir mesmo que involuntariamente a representação das carreiras de *coaching* de forma bastante funcional e linear. Embora alguns estudos tenham reconhecido cada vez mais a complexidade social do treinamento desportivo em uma variedade de esportes, ainda persiste uma diminuta quantidade de conhecimentos que abordam as interações que ocorrem entre os treinadores, seus contextos organizacionais, as condições de trabalho que experimentam e o impacto que essas interações podem ter em suas identidades, no local de trabalho e na trajetória de suas carreiras. Com exceção de alguns estudos (CUSHION e JONES, 2006; POTRAC e JONES; 2009; JONES, ARMOUR e POTRAC; 2004) ainda se sabe muito pouco sobre como os treinadores entendem a natureza muitas vezes ambígua e bagunçada de suas carreiras, nem as formas como as suas identidades enquanto treinadores são desenvolvidas, sustentadas ou mesmo interrompidas. (PURDY; POTRAC, 2014).

Ressalta-se também que no futebol globalizado a função de treinador tem recebido inúmeros sentidos distintos como *manager*, “celebridade”, “vilão”, etc. (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016). Utilizando-se das reflexões de Roberto da Matta (2002), os autores afirmam que essas duas últimas posições adquiridas pelos treinadores de futebol mostram como os produtos da Indústria Cultural são complexos e contestáveis, bastando ver que o futebol é um jogo de incertezas e que existe uma contradição na atividade exercida pelo treinador, uma vez que de um lado temos a faceta racional da atividade, enquanto sujeito de conhecimento técnico capaz de conduzir um time a vitória, ao mesmo tempo em que aponta para um atividade de sorte e oportunidade. Nesse sentido, a partir da suposta tendência do brasileiro em personalizar culpados temos que “No futebol, o bode expiatório é o técnico. É ele e somente ele quem “personaliza”, cristalizando o agenciamento na sua pessoa, o time que é, a rigor, uma coletividade” (DA MATTA, 2002, p.62 como citado em MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016).

METODOLOGIA

Considerando a necessidade de proporcionar uma ampla visão concomitante a descrição minuciosa dos sentidos atribuídos ao trabalho dos treinadores de futebol amador da Suburbana, o presente estudo é compreendido como uma pesquisa qualitativa de natureza descritivo-exploratória. De acordo com Richardson (2012) estudos descritivos são utilizados quando se deseja descrever sistematicamente as características de um fenômeno ou de área de interesse enquanto os estudos exploratórios são utilizados quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecer as características de um fenômeno para procurar, posteriormente, explicações das causas e consequências de dito fenômeno.

Dessa forma, por meio de uma abordagem qualitativa, serão definidos como planos de pesquisa a exploração e a descrição dos sentidos do trabalho atribuídos pelos treinadores do campeonato de futebol amador de Curitiba (Suburbana). O nível de análise abordado nessa pesquisa será o nível organizacional, contemplando os clubes de futebol amador e a unidade de análise serão os treinadores de futebol amador que atuam ou já atuaram em times participantes da Suburbana.

Cabe salientar que a presente pesquisa foi iniciada mediante uma análise exploratória do contexto do futebol amador da cidade de Curitiba em que foram realizadas observações de treinos, jogos, acompanhamento de programas esportivos, além da realização de oito entrevistas com treinadores que atuam ou já atuaram em times participantes da Suburbana. O intuito desta análise exploratória foi compreender de que forma se constitui o futebol amador da cidade de Curitiba com especial atenção à Suburbana e quais são as principais características da atuação do treinador nesse contexto. Participaram da fase exploratória oito treinadores, dos quais cinco atuaram em algum clube da Suburbana (quatro da série A e um da série B) no ano de 2016 e três já haviam atuado em outras temporadas, e estavam, no momento das entrevistas, atuando em clubes de outros campeonatos de futebol amador da cidade de Curitiba e Região Metropolitana.

Dessa forma, salienta-se que a fase exploratória contemplou uma amostra diversificada de treinadores, com gerações diferentes e participantes de distintos níveis do campeonato (Série A e Série B) permitindo reflexões tanto em relação a questões do passado e do presente quanto às condições materiais de atuação dos treinadores. Para continuidade do estudo, serão realizadas novas entrevistas com parte dos treinadores já entrevistados na fase exploratória, excluindo aqueles que possuam como empregos formais a função de treinador ou atividades relacionadas ao futebol, haja vista que o interesse está em compreender os sentidos relacionados a uma atividade para além do emprego.

Na fase exploratória o contato com os treinadores foi realizado primeiramente pelas redes sociais em que era informada a intenção de realizar um estudo sobre o trabalho dos treinadores de futebol amador em Curitiba. Posteriormente, foi realizado um contato telefônico com cada treinador para explicar de forma mais detalhada sobre o estudo, informando se tratar de um projeto de dissertação de mestrado em Administração. Muitos treinadores se mostraram curiosos, uma vez que grande parte das entrevistas que concediam estava direcionada para as áreas do jornalismo ou do treinamento desportivo.

Aos treinadores foi aberta a possibilidade de escolha do local e horário das entrevistas, contemplando inclusive os finais de semana. Desse modo, em todas as oportunidades o local foi escolhido pelo treinador e o horário alinhado de acordo com a sua disponibilidade, conforme orientações de Meihy (2004) e Creswell (2007). Dessa forma, as entrevistas ocorreram em diferentes espaços contemplando as dependências dos clubes, escola de futebol, shopping, escritórios e até mesmo a residência dos treinadores.

O roteiro das entrevistas foi estruturado no intuito de permitir abrangência nas falas dos treinadores e contemplou questões relacionadas a trajetória no futebol, aos motivos para atuação no futebol amador, as principais atividades realizadas e principais dificuldades enfrentadas, percepção das diferenças entre o futebol profissional e o futebol amador, além do significado da atuação como treinador de futebol amador na vida de cada um. Embora tenha sido utilizado o mesmo roteiro em todas as oportunidades, foi possível, em decorrência da utilização da entrevista semi-estruturada, aprofundar determinadas temáticas de acordo com cada oportunidade. As entrevistas desta fase tiveram em média vinte e cinco minutos totalizaram cinquenta e sete páginas de transcrição.

O material coletado na fase exploratória foi determinante para a escolha pela temática dos sentidos do trabalho e será utilizado como suporte para a estruturação do roteiro de entrevistas a ser realizado na segunda fase da pesquisa de campo. Neste segundo momento será utilizado o método da história oral temática (MEIHY, 2004) com a realização de entrevistas com quatro treinadores, além de observações realizadas em treinos e partidas da Suburbana do ano de 2017.

Meihy (2004) argumenta que a história oral temática busca-se o esclarecimento ou opinião do entrevistado a respeito de algum tema definido, sendo caracterizado de forma distinta da história oral de vida, haja vista que os detalhes da vida pessoal do protagonista

somente interessam caso contribuam como informação para a temática central analisada. Conforme apontam Ichikawa, Woellener e Santos (2003), a utilização da história oral temática na pesquisa em Administração deve ser incentivada à nova geração de pesquisadores em organizações no intuito de exercitar novas abordagens e ângulos de análise que enriqueçam as possibilidades da pesquisa qualitativa.

Especificamente aos estudos com treinadores, Jones, Armour e Potrac (2003) apontam que os métodos narrativos ou de histórias de vida são potenciais em proporcionar *insights*, permitindo a exploração da realidade subjetiva do indivíduo e dessa forma sua utilização pode ser capaz de capturar a vida de trabalho muitas vezes caótica, complexa e ambígua dos treinadores.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Considerando que o presente estudo ainda está em desenvolvimento é possível realizar alguns apontamentos acerca dos achados da fase exploratória. A partir dos discursos dos treinadores, observou-se que a atuação destes iniciou, na grande maioria, mediante a paixão pelo futebol e a rede de contatos com os clubes de futebol amador, sendo que muitos dos treinadores entrevistados foram jogadores dos clubes e possuem uma relação de longa data com os times e com as comunidades. A relação com o futebol amador extrapola os treinos e as partidas, constituindo parte importante da vida de cada um.

“Então, eu quero estar no campo, eu gosto de estar lá. Das minhas atividades é a que eu mais gosto. E isso é notado em todos os lugares onde eu estou. No trabalho, as pessoas me conhecem pelo trabalho que eu faço no futebol. Quando o meu gerente vem me perguntar alguma coisa, na maioria das vezes ele não vem me perguntar sobre o meu trabalho do dia a dia, ele vem me perguntar como foi o final de semana, como foram os jogos”.

Apesar de alguns treinadores considerarem a atuação nos clubes como lazer, é perceptível que a atividade de comando dos times não ocorre de maneira gratuita, ou simplesmente como *hobby*, gerando diferentes repercussões na vida de cada treinador.

“as vezes o trabalho acaba se tornando o escape do futebol, porque o futebol, pra quem é treinador, pra quem é diretor, pra quem é da comissão técnica, os envolvidos, os representantes, os organizadores, ele é madraço sabe... ele é madraço. Ele toma muito tempo e você não consegue ficar dois dias sem tocar...pra esquecer o futebol”

Os treinadores se dedicam ao futebol por diferentes motivos, porém, verifica-se que a possibilidade de ser reconhecido como integrante de um grande projeto, de estar em evidência e de se posicionar frente aos pares e a comunidade é um ponto de destaque e atração no futebol amador.

“Eu gosto muito de rever os amigos, das antigas. Porque todos eles estão em comissões técnicas, a maioria deles. Isso me atrai muito. E o lado, o lado de tá na evidência ainda, de você poder participar também num processo assim de importância dentro de um clube, você ser o mentor, você ser o treinador, o comandante, comandar uma grande agremiação, uma sociedade em um bairro, então isso atrai muito, você tá a frente desse projeto”.

Assim, verifica-se que a atuação enquanto treinador de futebol amador realiza-se necessariamente na presença de outros, que podem ser os companheiros de clube, os

adversários e até mesmo a comunidade. Tal atividade utiliza-se primordialmente do discurso e manifestando o modo enquanto o sujeito expressa a sua individualidade e a si próprio.

CONCLUSÃO

Em decorrência do atual desenvolvimento do presente estudo, as conclusões são realizadas de forma preliminar. A Suburbana é um campeonato de grande tradição no futebol amador curitibano e a participação dos treinadores neste campeonato lhes garante destaque frente aos envolvidos. A atuação dos treinadores possui características que podem ser analisadas ora como trabalho, ora como ação, haja vista a colocação frente aos clubes e a comunidade.

Por outro lado, verifica-se que as atividades são realizadas indiferentemente da existência de contraprestação financeira em um processo desvinculado da lógica da racionalidade econômica, voltado não apenas ao resultado propriamente dito, mas também ao processo, contemplando características de uma atividade autônoma, haja vista que a dedicação para a realização desta atividade se dá mediante a possibilidade de suprimento das necessidades econômicas a partir de outras funções, relacionadas, sobretudo aos empregos formais de cada treinador.

Em continuidade ao estudo, pretende-se, mediante a história oral temática, compreender quais são os sentidos atribuídos ao trabalho por parte dos treinadores e refletir acerca desta atividade em relação às categorias de trabalho, ação, trabalho para si e atividades autônomas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, S. P. C. DE; TOLFO, S. DA R.; DELLAGNELO, E. H. L. Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 2, p. 200–216, abr. 2012.

ANTUNES, R. **OS SENTIDOS DO TRABALHO Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, v. 25, n. 87, p. 335–351, 2004.

ARAÚJO, R. R. DE; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP, São Paulo**, v. 14, n. 1, p. 53–66, 2007.

ARENDT, H. **A CONDIÇÃO HUMANA**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BENDASSOLLI, P. F. **Os ethos do trabalho. Sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2006.

BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 2, p. 143–159, abr. 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; GONDIM, S. M. G. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 32, n. 1, p. 131–147, 13 jan. 2014.

BETTANIM, M. R. et al. Atividade de treinador de futebol no Brasil: ofício ou profissão? **R. bras. Ci. e Mov**, v. 25, n. 1, p. 212–219, 2017.

BORCHARDT, P.; BIANCO, M. D. F. MEANINGS OF VOLUNTEER WORK: A STUDY WITH MEMBERS OF A LUTHERAN INSTITUTION. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 5, p. 61–84, out. 2016.

CAVAZOTTE, F. D. S. C. N.; LEMOS, A. H. D. C.; VIANA, M. D. D. A. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, p. 162–180, mar. 2012.

COSTA, V. T. et al. Comparação dos níveis de estresse, recuperação e burnout em treinadores de futsal e futebol brasileiros através do RESTQ- COACH Comparison of stress, recovery and burnout levels in futsal and soccer Brazilian coaches through RESTQ-COACH. **Revista Motricidade**, v. 8, n. S2, p. 937–945, 2012.

COSTA, I. T. DA; SAMULSKI, D. M.; COSTA, V. T. DA. Perfil de liderança dos treinadores de futebol das categorias de base do futebol brasileiro. **Rev. bras. Educ. Fis. Esporte**, v. 23, n. 3, p. 185–194, 2009.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 189, 1 dez. 2009.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. 2nd. ed. ed. [s.l.: s.n.].

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, v. 2, n. 9, p. 129–156, 2003.

DOURADO, D. P. et al. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, n. 2, p. 349–367, jun. 2009.

FREITAS, G. DA S.; RIGO, L. C.; SILVA, M. R. S. DA. A nova “Era Dunga”: o treinador como um dispositivo. **Motriz**, v. 18, n. 1, p. 9–21, 2012.

FURTADO, R. P. **ANDRÉ GORZ: TRABALHO, TEMPO LIVRE E LIBERDADE**. [s.l.] Universidade Federal de Goiás, 2012.

GONÇALVES, R. M. DE P.; JIMENEZ, S. V. Relações antagônicas entre sentido e significado do trabalho no capital: uma análise na perspectiva ontológica. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 685–694, 2013.

GORZ, A. **Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003.

GORZ, A. **Misérias do Presente, Riqueza do Possível**. São Paulo: Annablume, 2004.

HARVEY, D. **CONDIÇÃO PÓS-MODERNA. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 17^o ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ICHIKAWA, E. Y.; WOELLNER, L.; SANTOS, D. **Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional**. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. **Anais...Atibaia**: 2003

KALLEBERG, A. L. Precarious Work , Insecure Workers : Employment Relations in Transition Employment Relations in Transition. **American Sociological Review**, v. 74, n. February, p. 1–22, 2009.

LANGER, A. Pelo Êxodo da Sociedade Salarial. A evolução do conceito de Trabalho em André Gorz. **Cadernos IHU (UNISINOS)**, v. 2, n. 5, p. 1–62, 2004.

MARRA, A. V. et al. Significado do trabalho e envelhecimento. **Revista Administração em Diálogo**, v. 15, n. 2, p. 103–128, 2013.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5 ed. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MENEGHETTI, F. K. **IMAGINÁRIO E PODER: A DINÂMICA DOS GRUPOS LIGADOS A UMA ORGANIZAÇÃO DE FUTEBOL**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2002.

- MOISES, C. P. Especial Hannah Arendt. **Revista Cult**, p. 11–15, dez. 2015.
- MORIN, E. Os Sentidos Do Trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8–19, 2001.
- MOSTARO, F. F. R.; BRINATI, F. Â.; HELAL, R. G. De “selecionador” a “celebridade”, de “disciplinador” a “vilão”: reflexões sobre as representações do treinador em diferentes contextos. **Revista Eptic**, v. 18, n. 1, p. 69–83, 2016.
- NELSON, L. et al. Thinking , Feeling , Acting : The Case of a Semi-Professional Soccer Coach. **Sociology of Sport Journal**, v. 30, p. 467–486, 2013.
- NETO, A. L. DA C.; SACHUK, M. I. Múltiplas visões sobre as atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas por detentos na penitenciária estadual de Maringá. **Gestão & Regionakidade**, v. 27, n. 79, 2011.
- OLIVEIRA, A. DE P. ENTRE A VÁRZEA E O PROFISSIONAL : SOBRE UM CAMPEONATO DE FUTEBOL AMADOR. **Espaço Plural**, v. 29, p. 114–139, 2013.
- PATÚ, R. P. “**Comportamento do Estresse em Treinadores de Futebol Profissional**”. [s.l.] Universidade de Brasília, 2007.
- POTRAC, P.; JONES, R.; ARMOUR, K. “It’s All About Getting Respect’: The Coaching Behaviors of an Expert English Soccer Coach. **Sport, Education and Society**, v. 7, n. 2, p. 183–202, 2002.
- PURDY, L. G.; POTRAC, P. Am I just not good enough? The creation, development and questioning of a high performance coaching identity. **Sport, Education and Society**, v. 21, n. 5, p. 778–795, 3 jul. 2014.
- RICHARDSON, R. J. **PESQUISA SOCIAL: Métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- RODRIGUES, A. L.; BARRICHELO, A.; MORIN, E. M. OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: UM ESTUDO MULTIMÉTODOS. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 2, p. 192–208, abr. 2016.
- ROSSO, B. D.; DEKAS, K. H.; WRZESNIEWSKI, A. On the meaning of work: A theoretical integration and review. **Research in Organizational Behavior**, v. 30, n. C, p. 91–127, 2010.
- SANTOS, J. B. F. DOS. **O AVESSE DA MALDIÇÃO DO GÊNESIS: A saga de quem não tem trabalho**. São Paulo: ANNABLUME, 2000.
- SILVA, J. P. DA. O “adeus ao proletariado” de Gorz, vinte anos depois. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 48, p. 161–174, dez. 1999.
- SILVA, M. P. DA; SIMÕES, J. M. O estudo do sentido do trabalho: contribuições e desafios para as organizações contemporâneas. **Revista Capital Científico - Eletrônica**, v. 13, n. 3, 2015.
- TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. DA S.; HUNGER, D. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento (Porto Alegre)**, v. v.19, n. 1, p. 73–93, 2013.
- TOLFO, S. DA R. et al. Sentidos y significados del trabajo: un análisis con base en diferentes perspectivas teórico-epistemológicas en Psicología. **Universitas Psychologica**, v. 10, n. 1, p. 175–188, 2011.
- TOLFO, S. DA R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. spe, p. 39–46, 2007.
- WANG, J.; STRAUB, W. F. An Investigation into the Coaching Approach of a Successful World Class Soccer Coach: Anson Dorrance. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 7, n. 3, p. 467–468, 2012.